PÔSTER - MARCADORES SOCIOCULTURAIS, DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA

QUEM PODE JOGAR? UMA ANÁLISE DA SEGREGAÇÃO DE GÊNERO NAS PRÁTICAS ESPORTIVAS

Aline Grossi Leão (aline.grossileao@hotmail.com)

Luiz Henrique Pereira Alves (lhp.alves@outlook.com)

Willians Soares De Brito (williansbrito701@gmail.com)

Mariana Mazzei Figueredo (m.stoessel1408@gmail.com)

O esporte constitui um importante espaço de construção social dos corpos, das identidades e das relações de poder, estando historicamente associado à valorização da masculinidade hegemônica e à exclusão de práticas consideradas incompatíveis com determinados papéis de gênero. Ao longo da história, discursos científicos, religiosos e institucionais contribuíram para naturalizar desigualdades entre homens e mulheres, legitimando a segregação feminina em diversas modalidades esportivas e reforçando padrões rígidos de virilidade masculina. No contexto brasileiro, essas desigualdades foram institucionalizadas por meio do Decreto-Lei nº 3.199/1941, que restringiu a participação feminina em modalidades consideradas inadequadas à “natureza da mulher”. Paralelamente, homens envolvidos em práticas associadas à

expressividade corporal e à estética também passaram a sofrer estigmatização social, evidenciando o esporte como mecanismo de regulação de gênero. Diante desse cenário, o presente estudo teve como objetivo analisar, sob uma perspectiva sócio-histórica e cultural, os processos de construção e reprodução das desigualdades de gênero no esporte. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de caráter qualitativo, realizada a partir de levantamento bibliográfico nas bases Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Scholar. Foram incluídos artigos científicos, livros, documentos históricos e legislações relacionados à temática de gênero e práticas esportivas. A análise fundamentou-se principalmente nos conceitos de dominação simbólica de Pierre Bourdieu e masculinidade hegemônica discutidos por Michael Messner e Raewyn Connell. Os resultados evidenciam que o esporte historicamente operou como espaço de manutenção das desigualdades de gênero, restringindo oportunidades de participação feminina e reforçando modelos normativos de masculinidade. Entretanto, os estudos também demonstram que o ambiente esportivo constitui um espaço de resistência e transformação social, no qual mulheres e homens têm tensionado padrões tradicionais de gênero por meio da ocupação de modalidades historicamente estigmatizadas. Conclui-se que as desigualdades de gênero no esporte não decorrem de fatores biológicos, mas de construções sociais e culturais historicamente consolidadas. Dessa forma, torna-se fundamental ampliar discussões críticas no campo da Educação Física, visando à promoção de práticas esportivas mais inclusivas, equitativas e socialmente transformadoras.

Palavras-chave: gênero; esporte; desigualdade; masculinidade; segregação.